



Hitler no serviço de inteligência Norte-Americano: apontamentos sobre um relatório secreto

LANGER, Walter C. *A Mente de Adolf Hitler: o relatório secreto que investigou a psique do líder nazista*. São Paulo: Leya, 2020.

Thiago da Costa Amado

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Pesquisador do Grupo de Estudos Sobre a Guerra Fria (GEGF - USP/CNPQ) e do Grupo de Estudos de Segurança e Defesa Internacional (GEDES - UNESP).

• thiago.c.amado@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-0552-8253>

 <http://dx.doi.org/10.28998/rchv15n29.2024.0014>

Recebido em: 10/04/2024

Aprovado em: 18/06/2024



Passaram-se quase oitenta anos desde que o corpo do Führer Alemão, já sem vida, se consumiu em chamas no Bunker de Berlim, em 1945. Apesar do tempo, a figura de Adolf Hitler continua a exercer papel simbólico importante. Ele tem lugar reservado no imaginário coletivo: espaço do qual não parece ser fácil desalojá-lo. A posição que ocupa parece justificada pela escala de seus atos: por sua capacidade resoluta de mobilizar uma nação inteira para produzir brutalidade, aniquilamento e morte em proporções gigantescas. No senso comum, Hitler é o homem da violência e da destruição, o homem por trás da Guerra e dos campos de extermínio. Seus feitos criam dupla impressão: de que ele foi, a um só tempo, excepcional, na medida em que viabilizou ações tão extremas; e mal, na medida em que se conhece a natureza cruel e as implicações perversas destas mesmas ações. As realizações de Hitler, épicas em sua monstruosidade, conduzem a certo fascínio por sua figura e o fazem ser visto comumente como gênio do mal.

A Mente de Adolf Hitler, que ganha agora nova edição pela Leya, ao mesmo tempo em que ajuda a derrubar estes mitos, dá pistas para entender as bases sobre as quais foram construídos. Escrito pelo psicanalista Walter Langer em 1943, o texto é peça do arsenal do serviço de inteligência dos Estados Unidos da América (EUA). Sua natureza o demonstra: trata-se, na origem, de relatório encomendado pelo *Office of Strategic Service* (OSS), órgão que, ao longo da II Guerra Mundial, se tornaria central na elaboração de estratégias para o esforço de guerra norte-americano. Embora carregue consigo muitas possibilidades de leitura, a orientação metodológica que o fundamenta, a psicanálise, somada ao seu vínculo institucional de origem, o OSS, o tornam documento dos mais interessantes para os historiadores.

Como relatório, o texto, metaforicamente, coloca Hitler no divã: a partir da psicanálise, tenta destrinchar alguns dos meandros da psique do líder nazista. Há aí problema metodológico evidente: a ausência física do objeto. Hitler não foi analisando do autor, o que cria dificuldades significativas, talvez insuperáveis para o psicanalista. De qualquer maneira, e para além das limitações, a reflexão aponta caminhos relevantes para compreender sua figura. Ele nos fornece elementos para pensar Hitler: elementos que, embora tenham a psicanálise por sua base fundamental, extrapolam seu campo, permitindo algumas reflexões a respeito dos mecanismos através dos quais o Führer construiu e exerceu poder.

Embora o autor não tenha tido acesso direto a Hitler, foi capaz de compilar, sobre ele, série significativa de informações. As fontes que utiliza são várias. Testemunhos de pessoas que estiveram com o Führer; escritos e discursos do próprio

Hitler; livros de membros do partido e de opositores; além de arquivos diplomáticos, formam o substrato da análise: são o alicerce para a interpretação. Se, quando da escrita do relatório, alguns destes documentos eram públicos, outros só poderiam ser colhidos por alguém como Walter C Langer: alguém bem posicionado no aparelho de inteligência norte-americano, capaz de contar com infraestrutura institucional para contatos e acervos. *A Mente de Adolf Hitler*, além de ser, em si mesmo, documento dos mais interessantes, também reúne indiretamente um conjunto de outros documentos: característica que aumenta ainda mais sua relevância para os historiadores.

Separado em seis partes, o trabalho explora as maneiras como a trajetória pessoal de Hitler solidificou sua visão de mundo; sua interação com seu círculo íntimo, formado pelo staff de colaboradores imediatos; e suas ligações com o restante da sociedade alemã, descrita genericamente como o “povo alemão”. Através da sobreposição destas diversas camadas, o autor descreve o processo de formação da figura do Führer: formação que acontece na relação entre si mesmo e a coletividade. É na interação entre o eu de Hitler e os demais grupos que a construção do argumento se revela: é aí que os aspectos mais interessantes sobre o funcionamento do totalitarismo nazista aparecem.

Alguns elementos, a este respeito, merecem destaque. O modo como Hitler passa a ser visto, e ao mesmo a ver a si mesmo, como portador de uma missão salvadora, é um deles. Comparado constantemente a Jesus Cristo, ele aparece como alguém para quem a mensagem de redenção do povo alemão se revela, alguém através de quem o destino de regeneração nacional acontece. Isso explica a maneira como sua vida é narrada: lida de trás para frente, sua trajetória realiza caminho inexorável, está sempre apontada para a liderança da Alemanha. Explica, ainda, o princípio da infalibilidade, cultivado de forma tão determinada pelo próprio Hitler. Afinal, se o Führer é o elo por meio do qual a história acontece, poderia a história estar errada? O apelo constante à intuição (Hitler por vezes mencionava as vozes saídas de seu interior, que o guiavam em determinadas decisões), somado ao aspecto transcendental e grandiloquente de que se reveste sua figura, tão bem descritos no livro, mostram uma autoridade que retira seus fundamentos não do uso público da razão, mas de repertório místico. Trata-se, a princípio, de outra forma de conceber e exercer o poder: uma combinação explosiva de irracionalidade e violência.

A capacidade de Hitler de se comunicar com as massas também recebe atenção do autor. Por diversas vezes, o líder nazista se referiu à multidão como ente feminino, no sentido pejorativo em que concebia a feminilidade: passiva, sentimental, desejava

de alguém que a submetesse. Entendia a si mesmo como este alguém, viril e potente, que a dominasse. A razão, especula Langer, seria a relação familiar, a ambiguidade envolvendo pai e mãe, desenvolvida ainda na infância. Seja esta a explicação ou não, o autor nos oferece retrato sólido sobre os procedimentos oratórios de Hitler: começa com atitude vacilante, recebe os impulsos da plateia até conseguir se mover entre eles, capturá-los, condensá-los e fazê-los explodir num êxtase de violência e ódio. Neste momento, Hitler domina o público, o conduz, extrai dele “os desejos mais secretos, os instintos menos permissíveis, os sofrimentos, as revoltas pessoais de toda uma nação”, segundo as palavras de Otto Strasser (Langer, 2020, p. 40).

Esta habilidade de Hitler em mobilizar a multidão é, em grande medida, a habilidade de mobilizar a nação em seu ufanismo ressentido. Sobre o nacionalismo de Hitler, Langer encontra suas origens na relação com a mãe: a Alemanha aparece como feminina e acolhedora, por vezes violada por agressões externas, perpetradas pelo pai. Concordemos ou não com a análise, o texto é rico em demonstrar as analogias constantes da pátria com a mãe, o que significa tornar a nação amada e traída, idolatrada e agredida. Superar esta sujeição alemã é a missão de Hitler, uma tentativa de superar o pai rival e voltar ao paraíso uterino: superação que necessita quebrar o ciclo vicioso perpetrando, contra o violador, violência igual ou maior do que aquela praticada por ele. Para além da validade das inferências a respeito da psique do Führer, Langer aponta a maneira como a metáfora da pátria como mãe ocupou lugar discursivo importante na ideologia nazista, apelando ao inconsciente para engendrar o cultivo constante do ressentimento e violência entre as massas.

Se a relação de Hitler com a multidão recebe atenção, o mesmo acontece com sua postura diante de seus subordinados imediatos. A fragmentação na distribuição de informações, os ruídos com os quais realiza comunicações, além dos hábitos de trabalho em geral vacilantes, incongruentes, indisciplinados, pouco rotinizados e confusos, demonstram não apenas idiossincrasias do Führer, mas sua maneira de exercer autoridade. São produto de certo isolamento, que torna o líder nazista inacessível na sua integralidade, o que reafirma sua posição hierárquica e aumenta as tensões entre seu séquito, além de colocar este mesmo séquito, mergulhado em conflitos internos, em movimento: mecanismos essenciais no funcionamento da lógica totalitária do regime. Os acessos de fúria são descritos com detalhes. Sobre eles, o autor afirma serem reações de insegurança, ocorridas quando o princípio da infalibilidade da autoridade, tão caro a Hitler, parece sofrer algum arranhão. Verdadeiros rituais de humilhação, sua função é demonstrar a natureza total do poder do Führer.

O isolamento de Hitler envolve, também, sua intimidade. Hitler não possuía amizades profundas. Também não parecia ter envolvimento amoroso. Do pouco que se sabe, suas relações demonstram uma personalidade sufocante e intimidadora, o que é inferido por seu relacionamento com a sobrinha. As especulações sobre sua suposta homossexualidade encontram ressonâncias em alguns indícios, mas não parecem ser definitivas. À falta de relações emocionais densas e de explicitação sexual se somam os supostos hábitos simples, dos quais o vegetarianismo é parte. Todos apontam o mesmo caminho: o homem que abriu mão de si pela sua missão. Hitler se despersonaliza para personalizar a Alemanha. Sua vontade é a vontade da pátria e seu corpo é o corpo da nação, princípios que, de tão enraizados na psique do líder nazista, se manifestam na forma de hipocondria e medo constante da morte: riscos de sua decomposição física e, conseqüentemente, da precipitação da ruína alemã. A pessoa de Hitler é consumida integralmente pela figura do Führer: não há espaço para vida privada.

À esta altura, parece fácil perceber os motivos pelos quais *A Mente de Hitler* deve ser lido pelos historiadores. Independentemente dos resultados psicanalíticos, dos procedimentos com os quais o autor se conduz neste campo específico, o trabalho atravessa temas relevantes a respeito do nazismo: temas que, ainda hoje, marcam discussões historiográficas. O texto pode ser lido em várias camadas. Por um lado, nos dá subsídios para pensar Hitler, para entender os meios pelos quais sua perversão se ligou àquela da maioria do povo alemão e, assim, os modos através dos quais se construiu como Führer, colocando-se e sendo colocado no topo da pirâmide do totalitarismo nazista. Por outro, dá pistas sobre o funcionamento do sistema de inteligência norte-americano: demonstra as preocupações do OSS com a Guerra e as possibilidades de seu encaminhamento. São apenas exemplos das muitas abordagens possíveis e, seja lá qual for o caminho escolhido, parece fora de dúvida que o relatório é documento dos mais ricos.

Para além das preocupações historiográficas e documentais, ler *A Mente de Hitler*, neste momento, é disparar alerta político dos mais agudos. “O mundo passou a conhecer Adolf Hitler por sua cobiça insaciável pelo poder, sua brutalidade, sua crueldade, sua total falta de sentimentos, seu desprezo pelas instituições estabelecidas e sua falta de contenções morais”, descreve Langer, em 1943 (Langer, 2020, p.139). Passados mais de oitenta anos, a sentença não poderia ser reescrita tendo o nome de Adolf Hitler muitos candidatos à substituição?